

# FOLHA DE S.PAULO



**Bernardo Carvalho** (/colunas/bernardo-carvalho/)



## O recalque e o ressentimento tomaram conta do país

Nem com seus percalços os personagens de '45 Dias sem Você' projetam sua realização na infelicidade alheia

2.jun.2019 às 2h00

 EDIÇÃO IMPRESSA (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2019/06/02/>)

Pensei em dar o título de “Lady Macbeth Redux” a uma crônica sobre o surto (<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardo-carvalho/2019/05/ue-nao-convidou-pra-subir.shtml>) de uma mulher que, ao pressentir a iminência da debacle, depois de anos de intensa atividade política nas redes sociais, promovendo o cônjuge cego de vaidade e sustentáculo moral do governo, tentasse em vão exortá-lo a abandonar o barco antes de seu nome ser chafurdado para sempre na lama da história.

Seria uma crônica cômica sobre os horrores perpetrados por um simulacro de governo (<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardo-carvalho/2019/04/a-confluencia-entre-um-capitao-um-economista-e-um-astrologo.shtml>) que oscila entre a estupidez (<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardo-carvalho/2019/01/conviccao-da-bocalidade-e-tal-que-fica-dificil-nao-ser-vencido-pela-exaustao.shtml>), a irresponsabilidade e a desonestidade, sempre em nome do pior, para salvar a própria pele. Seria mais uma crônica sobre a indignação e a impotência de ver um país se desmantelando nas mãos da pior escória. E, nesse sentido, é provável que soasse como um disco riscado.

Mudei de ideia depois de assistir ao filme de Rafael Gomes, “45 Dias sem Você” (<https://guia.folha.uol.com.br/cinema/2019/05/filme-de-baixo-orcamento-45-dias-sem-voce-atesta-a-resiliencia-do-cinema-brasileiro.shtml>) (já disponível nas plataformas digitais). A exemplo do protagonista, resolvi arejar o espírito em outras paragens e tentar evitar, nem que fosse apenas no espaço exíguo desta crônica, o nome já tão surrado do objeto da minha obsessão e da nossa ruína.

“45 Dias sem Você” acompanha um rapaz brasileiro entre Londres, Coimbra e Buenos Aires, tentando esquecer uma desilusão amorosa. Ao longo da viagem, nas conversas com os amigos que o hospedam e que, por motivos diversos, deixaram o Brasil sem perspectiva de volta, ele evita dizer o nome daquele que é o objeto de sua obsessão sentimental. A interdição acaba ganhando tom de piada.

“45 Dias sem Você” é um filme encantador, doméstico e lúdico, que faz lembrar o cinema de Éric Rohmer.

É possível imaginar que, antes de saírem do Brasil, esses personagens tenham participado das primeiras manifestações de 2013, aquelas contra o aumento das tarifas de ônibus. E que tenham se surpreendido com o desdobramento imprevisível dos protestos, que desembocaram no movimento pelo impeachment de Dilma Rousseff.

Como todo mundo, devem ter assistido boquiabertos ao arrastão dos acontecimentos políticos subsequentes. Fazem parte de uma juventude de classe média alta ou remediada, branca em sua maioria e com meios para debater seus dilemas existenciais e amorosos em viagens pelo mundo.

A seu favor, entretanto, deve ser dito, ainda mais hoje, como exceção, que sua busca pela felicidade não está atrelada à infelicidade dos outros. Não dependem de estrangular a vida alheia, de frustrar projetos ou estragar o dia dos outros. Por mais individual, juvenil e romântica que seja sua busca, ela pressupõe um terreno fértil, comum a todos, como condição de possibilidade. É a ausência dessa condição no Brasil que justifica pelo não dito o autoexílio dos personagens.

Ao contrário do que diz a narrativa dos vencedores, o Brasil elegeu nas últimas eleições presidenciais o único candidato não só capaz de transformar o país numa Venezuela (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/05/apos-levante-frustrado-guaido-enfrenta-dilemas-na-venezuela.shtml>) mas cuja sobrevivência política parece depender exatamente disso. O método de desmanche do Estado e das instituições não deixa muita dúvida.

Ou alguém acredita mesmo que o estrangulamento da ciência e da educação, os ataques ao meio ambiente, os incentivos à indústria tabagista, o rebaixamento do programa de combate à Aids, a demonização da Justiça e do Parlamento podem servir de alguma maneira ao Brasil e aos brasileiros?

Escrevi há alguns meses (<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardo-carvalho/2018/11/o-problema-nao-e-bolsonaro-somos-nos.shtml>), neste mesmo espaço, sobre um casal da alta burguesia paulistana que, ao me ver saindo com amigos de um restaurante nos Jardins, no dia das eleições, com adesivos do Haddad no peito, pararam a SUV no meio da rua, abriram a janela e gritaram: “Vão pra Venezuela, viados!”. Não bastava vencerem; precisavam foder com a vida alheia e com tudo o que os contrariasse.

Os personagens de “45 Dias sem Você” correm atrás da felicidade do jeito que podem, mas não lhes passaria pela cabeça, nem com todas as suas dificuldades, percalços e desilusões, projetar sua realização na infelicidade alheia. É uma diferença brutal de perspectiva e de paradigma em relação ao recalque e ao ressentimento que tomaram conta do país, tornando-se lugar-comum entre nós, projeto de governo e modelo de políticas públicas.

Pela ausência deliberada e conspícua, o Brasil acaba ganhando uma presença triste e contundente no filme de Rafael Gomes. Ao debater uma desilusão amorosa pessoal, e sem nunca mencionar o nome da nossa ruína comum, os personagens nos falam o tempo todo, em sua juventude, em sua inocência e em seu romantismo, sobre o que poderia ter sido e não foi, o que deu tremendamente errado entre nós.

## **Bernardo Carvalho**

Romancista, autor de "Nove Noites" e "Simpatia pelo Demônio".

## ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardo-carvalho/2019/06/o-recalque-e-o-ressentimento-tomaram-conta-do-pais.shtml>